

PRINCÍPIOS E DEVERES ELEMENTARES



CONFERÊNCIA

produzida pelo eminente pensador

Dr. Jaime de Magalhães Lima

e expressamente para a sessão inaugural

DA

GOTA DE LEITE

Lactário e Assistência Médica às Crianças Pobres

AVEIRO



Edição da "GOTA DE LEITE"

JA

779



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

140754
Oferta
da família
do Dr. João
Sarabando

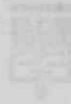
*Servir a criança é servir a Beleza e a
Fôrça e a Divindade.*

*Descará-la é atráçoar a Deus e ao
Mundo, secar a fonte da vida das gera-
ções — deserdá-las do cavador que lhes
cria o pão, e do soldado que lhes guarda
o lar, e da piedade que lhes dá o ânimo.*

UA - SD



158307



UNIVERSIDAD DE CHILE
FACULTAD DE CIENCIAS FÍSICAS Y MATEMÁTICAS
DEPARTAMENTO DE FÍSICA

Según la ordenanza de la Iglesia es
fuerza a la Divinidad.
La Divinidad es el espíritu de Dios y no
tiene forma ni color, ni olor, ni gusto,
ni tacto, ni sonido, ni peso, ni medida,
ni lugar, ni tiempo, ni fin, ni principio,
ni causa, ni efecto, ni nada que se pueda
comprender por los sentidos ni por el
entendimiento humano.

bibRIA

Senhor Presidente
Minhas Senhoras
e meus Senhores,

Homens de valorosa fé e boa vontade, confiada, robusta e fecunda, bateram à minha porta e convidaram-me a voltar os olhos para o infortúnio e a cogitar com êles no propósito de o abrandar por efeito das nossas acções, considerando como, quando e em que poderíamos servir para moderar sua desgraça, e também seus perigos de difusão mortal que nos ameaça.

Tomei por mandado o aviso e tão autorizado e imperativo o ouvi e me sujeitou que aqui venho, de bernal vasio, que as riquezas do entendimento e da actividade sempre me foram escasas e hoje desceram a uma míngua extrema, ai de mim, que nada posso! Mas ainda assim não desertei da alumiada estrada que me abriam, porque os impulsos de uma simpatia plena por uma claríssima tentativa de bem-fazer me obrigam a não desconhecer e, antes, confessar a virtude do arrôjo alheio e do dever que o guia e êle quer cumprir.

E a simpatia que nos une e nos incita a juntar-nos para semelhante jornada será tanto mais pronta e fácil quanto é singela e lisa a aspiração que lhe traça o caminho, e a rota que a sua estrêla lhe marca.

Porque o pensamento e o desejo que nos chama e nos reúne não é ganhar coroas de louro, dobrando herôicamente o Cabo das Tormentas, nem, muito menos, adornar de uma auréola de santidade as mal providas calvas dos velhos e os finíssimos cabelos da beleza moça que se salvaram da guilhotina—onde tanta graça pereceu com agoniada pena de quem a via como sinal insubstituível da divina arte da natureza.

Não! Dêsses extremos, que insensatos seriam, quando ridículos não fossem, dêsses extremos nos livrará um clamoroso e salutar abrenúncio. A nossa estrada é mais breve e menos árdua. O pensamento e o desejo que nos chamam aqui e nos instigam a unir-nos é simples, quotidiano e vulgar, embora ainda não tão absolutamente vulgar quanto era mister para a prosperidade e paz e alegria da sociedade a que pertencemos; o pensamento e o desejo que nos prende e nos encaminhou para êste lugar, é,

em breves palavras, ajudar os necessitados a criar os filhos, tanto quanto a dedicação nos aconselhar e ordenar e em nossas fôrças couber, minguidas ou abastadas que elas sejam, e usando para o melhor êxito e administração mais rendosa do nosso esforço aquela velha arma poderosíssima e nunca embotada que é a associação, — a associação, tal qual a sagacidade iluminada de José Mazzini a compreendeu, em um dos mais clarividentes apostolados da felicidade das nações que o mundo viu, a associação, «livre e voluntária, organizada por nós em certas bases, entre homens que se conhecem e amam e estimam mutuamente, não a associação coerciva, imposta pelo govêrno da autoridade e ordenada sem respeito pelas afeições e pelos laços individuais, tratando os homens mais como máquinas de produção que como seres de vontade espontânea e livre.»

Se, pela previsão das possibilidades manifestas de uma efficácia prática que aliviará muita calamidade, êste pensamento não nos atraísse, bastava a invocação do princípio que no-lo sugeriu para que essa só por si fôsse motivo de lhe prestarmos fervoroso testemunho da nossa simpatia e do nosso aplauso. Seja qual fôr o carâcter com que êsse princípio se nos imponha, meditado ou ingênuo, racionalista ou moralista, positivista ou idealista, religioso ou secular; seja qual fôr o nome com que o signifiquemos — amor do próximo, solidariedade, auxílio mútuo, altruísmo, consciência das nossas responsabilidades sociais, ou qualquer outro, que todos êsses nomes se identificam e igualam em um só propósito e obrigação de bem-fazer, só invocar êsse princípio é reconhecer-lhe todo o seu império e verdade, e nêsse momento haveremos praticado uma boa acção.

Em todo tempo o seria, que estas sujeições pertencem a esferas da eternidade; mas hoje, na sociedade destituída, pouco menos que totalmente, de princípios, na qual naufragamos, restaurar a validade de um princípio ainda que mais não seja do que em as nossas palavras, é restituir a fecundidade e a nobreza a estas aturdidas colmeias humanas que nós encontramos doentes e aviltadas.

Por efeito de circunstâncias das quais não podemos ser senhores, principalmente por efeito das condições da economia das nações na actualidade, o interêsse mundano e a cobiça preteriram cegamente o domínio de todos os princípios morais e religiosos em que as sociedades cultas se fundaram e viviam, e particularmente nos afastaram da abnegação e da caridade, onde de todo não as eliminaram do rol das utilidades e virtudes. A' melhoria e vantagens efectuadas na posse e no govêrno das cousas e na sua exploração não correspondem nem a elevação de ânimo e nem mesmo a saúde e a abastança do corpo atribuídas à situa-

ção dos homens. Pelo nosso saber e engenho e pela subtileza das nossas especulações, amontoaram-se riquezas materiais fabulosas, e entretanto se aglomeraram, por vergonha dos nossos atribulados dias, bandos nunca vistos de indigentes, aos milhares e milhares, precipitados nas mais lúgubres e temerosas incertezas.

Porque, enquanto enriquecíamos, esquecemos os princípios que sujeitam as cousas aos homens e à dignidade e à felicidade dos homens, e a esses princípios antepoemos a arte triunfante de sujeitar os homens ao engrandecimento das cousas e à sua fascinação. Esquecemos que «o governo de um país há-de fundar-se em os nossos trabalhos no culto dos princípios, e não no culto idólatra dos interesses e da oportunidade.» «Vivemos, e, se vivemos, temos uma lei da vida. Não há vida sem lei: onde a vida existe, existe em modos certos, conforme certas condições e sob uma certa lei. Uma lei de agregação governa os minerais; uma lei de crescimento governa as plantas; uma lei de movimento governa as estrêlas; uma lei nos governa e à nossa vida — uma lei mais nobre e mais elevada que as outras, por isso mesmo que nós somos mais altos que tôdas as outras cousas que a terra cria. Desenvolver-nos e proceder e viver conforme a nossa lei, é o nosso primeiro dever, ou, antes, o nosso único dever.» (Mazzini).

E a nossa lei, a nossa lei suprema, é a caridade com tôdas as obrigações que da sua instância dimanam. Será pela caridade que se apagam as distinções entre os homens e nos sentimos filhos de um mesmo e único ser, obedecendo a leis comuns, e colaborando em termos de necessidade e igualdade na criação e na sua beleza.

Não é isto já devaneio e aspiração de poetas ou inclinação de corações piedosos; é pura e simplesmente, e rigorosamente, um preceito científico, pela intelligência dos factos e pela observação das cousas demonstrado, e pela experiência da vida aplicado de contínuo e subsistente.

Nos tempos em que uma sciência claudicante, mal interpretando as cogitações profundas de um raro génio, concluía que a lei da vida era uma luta incessante e quem mais podia mais legitimamente apresava e possuía, logo um outro génio, de grandeza igual à de quem ingenuamente dava causa a semelhantes erros, lhes respondia, numa dissertação scientifica brilhante, poiada em factos evidentes, que as espécies animais que mais vingavam e venciam não eram as que mais vigorosamente combatiam, eram as que mais estreitamente se associavam. O auxílio mútuo sobrelevava, em robustez e perdurabilidade daquêles que o usavam, à garra do leão e à sua violência. As abelhas multiplicavam-se enquanto os tigres rareavam.

Eu bem sei que o scépticismo, bem acautelado de provas históricas collidas nas bibliotecas e corroboradas pelo exame da natureza da alma humana, usa responder à confiança nas propensões de caridade que nos dirigem que a sordidez sempre partilhou com a caridade o reino das realidades terrenas e nunca esmoreceu na ruim faina de nos prodigalizar os seus flagelos. Vícios congénitos dos homens e das sociedades que êles formam assim o quereriam e determinariam, irredutivelmente. E devo confessar que de longe vem essa desconfiança dos incrédulos, que para os fieis se transforma em mágoa e queixa.

Agora me lembro de quanto, há mais de cinqüenta anos, aí por 1878 ou 79, me foi proveitosa a advertência sôbre êstes conflitos e problemas que encontrei em um livrinho, então muito em voga e muito querido como portador de novas e sãs doutrinas — *Da Educação*, de autor famoso, Herbert Spencer.

Contava êle, pitorescamente, que no banquete dos ricos assim como na feira e na tenda da vila, ao domingo, de que mais se falava, e mais proficientemente, era da criação dos animais e das searas e dos pradôs. Sabia-se, de certeza, quais os melhores métodos de cevar os bois e apascentar os cavalos e os melhorar por cruzamentos próprios; sabia-se a arte de adestrar para a caça cães nédios e alegres, bem nutridos e bem mandados: sabia-se quanto importa ao mais largo rendimento dos apriscos e dos currais; mas o que não se sabia igualmente e nem sequer se mencionava, era a arte de criar homens, robustos e belos, física e moralmente. Visitava o dono as suas cavalações, e mui solícito inquiria do regime em que estavam os seus cavalos; mas nem por isso se dava ao trabalho de vigiar a ama dos seus filhos, e cuidar do alimento que lhes ministravam, e das horas das suas refeições e do ar que no seu quarto respiravam. Isso era tarefa menos viril e menos urgente; era para as mulheres, que para êle, bom administrador dos seus bens, o interêsse preferia a piedade, os animais rendiam mais que as crianças.

Poucos anos depois de isto haver aprendido a considerar por conselho do livro do filósofo, um dia, conversando eu com Oliveira Martins, contava-lhe, mal, sem dúvida, mas como podia e sabia, o que era a organização da Companhia dos Omnibus de Paris, que empregou nos seus serviços muitos mil cavalos. Maravilha de administração inteligente e perfeita ordem, desde as horas de trabalho dos animais e um sapientíssimo estudo da qualidade e quantidade das rações, dirigido por um dos mais notáveis químicos do mundo naquela época—tudo ali andava meditado, regrado e acautelado de tal modo que os cavalos trabalhavam dos quatro até aos vinte anos sem se arrasarem, e assim envelheciam e se gastavam só pelos anos, sem defeitos nem doen-

ças que lhes adviessem de uma higiene mal pensada ou insuficiente.

Incidentemente, por esclarecer o asserto, acrescentei que tais eram naquela empresa os cuidados com os cavalos que no estio, para prevenir os males possíveis da calma e do sol, mal os cavalos chegavam à estação, logo um criado lhes aparecia com um balde de água fria e uma esponja a refrescar-lhes providamente a cabeça. E Oliveira Martins, que tudo isto ouvira em silêncio, com aquela atenção, penetrante e dócil, que lhe era peculiar e de factos mínimos de pronto tirava proveito largo para o entendimento, interrompeu-me e num brando sorriso da sua habitual ironia exclamou:— «Assim se tratassem os homens!»

Depois que estas cousas se disseram e se escreveram, sofreu o mundo revoluções portentosas na atitude dos homens entre si e na repartição das riquezas da terra e dos bens de alma que os nutrem e elles avidamente apetece e disputam: muitas escolas se abriram, muitos asilos se criaram, muito conforto se derramou, muitos ócios se facultaram, muito lar se acendeu, muitos nus se agasalharam, muitas fundações piedosas se propagaram, amparo de velhos e inválidos, cura de enfermos e alento vivificante da criança; e, sobretudo, desde então, mercê da insistência dos que descrendo da caridade livre lhe preferiram, como mais seguros, os mandados do estado e a vigilância do tribunal e da policia, instituiu-se um sistema formidável de direitos expressos, no qual o rico cedeu largo quinhão dos seus regalos para bem dos indigentes, e a febre da igualdade equiparou, para o pão e para o prazer, todas as condições e todas as classes. De polo a polo passou um cataclismo, das ruínas do qual as esperanças dos apóstolos querem erguer e já avistam a cidade nova da bem-aventurança.

E, todavia, certo antigo pessimismo, em seus receios e penas copiosamente instruído pela presença de sinais inequívocos de indigência, atenta na miséria que persiste em coincidir com os esplendores magníficos da actualidade, daí vem a crer que ainda não chegou a hora de dispensar do serviço a caridade, e suspeita que, sem embargo de tão amplos e manifestos progressos, aquêl vício por efeito do qual os gados tinham em nossa assistência melhor sorte que os homens e eram muito mais bem criados, e alimentados e amansados que as crianças, êsse vício ainda não cessou de operar a sua injustiça, e, a-pesar-de todas as emendas, apenas apertou, se é que apertou, a extensão do seu reino. As mais vastas cidades e os mais poderosos empórios nos patenteiam esta triste verdade nos retiros lúgubres onde as colmeias dos desamparados se movem em andrajos e pernoitam em covis.

O vigor dos homens e a claridade do seu espírito e a do-

cura do seu convívio não cresceram em proporção do esmero dos estábulos, e as crianças que se estiolam pelos becos e pátios dos bairros proletários são uma acusação tremenda, não direi já da nossa impiedade, que isso é evidente, mas da nossa imprevidência e da nossa deslealdade à conservação da nossa espécie que, assim, se muito sofre em seus deserdados, ainda mais, e mais gravemente, degenera e atea uma ruína comunicativa.

E' para moderar êste escândalo, no canto microscópico do mundo que é a nossa terra, e para abrandar as penas a meia dúzia de crianças que poderemos socorrer, é para acudir a esta humilde obrigação elementar que nos chamaram aqui e aqui nos juntamos na serena e firme disposição de a cumprir.

A timidez que nestas conjunturas, de ordinário, se casa com a indiferença — e muito afectuosamente, por comunhão estreita de suas idênticas comodidades — a timidez, quando vê alguém apressar-se para semelhantes peregrinações, logo lhe vem ao caminho, a prevenir desveladamente o romeiro das passagens perigosas que terá de vencer e das dificuldades e embaraços que se lhe vão opor e ameaçam perdê-lo, trocando-lhe por desenganos as suas vãs esperanças e rematando-as numa esterilidade absoluta.

Tem razão a timidez. E' justo que lha reconheçamos. A empreendimentos da natureza desta associação, que tôda há-de fundar-se em isenção, nunca faltam impedimentos e estôrvos, mais ou menos subsistentes, desde a carestia dos recursos pecuniários até à exiguidade das dedicações, que são o sangue da sua vida. Sabido é que a generosidade será infinitamente menos frequente que a ganância; e que muito mais há quem se atarde a bem dormir que quem se apresse a bem fazer. Com isso temos de contar. E' lei do mundo, e impreterível.

E' isso muito certo, na verdade; mas também e a par não será duvidoso que, se o êxito das associações de utilidade pública muito depende da atmosfera que encontrarem e do ar que respirarem e pela sua qualidade as fortaleça ou defínhe, não menos depende a sua sorte da inteligência e da vontade dos que as iniciam e governam e da base moral e real em que as fundarem. Pois, se estas agremiações se fundam em altas ambições e aventuras correlativas, fâcilmente irão a naufragar nos escolhos e adversidades a que êsse espírito de violento arremêso as expõe e condena. Se, porém, comêdidas nas aspirações, se fundam em modéstia e não esquecem que a fecundidade das nossas acções muito mais deriva da força íntima que as promove e nelas se encorpora que da latitude superficial em que elas se expandam, se essas agremiações sabem contentar-se com pouco e sadio, certa têm a vitória

porque o seu pouco, mais dependendo do esforço de quem o procura que do ambiente avaro ou liberal em que se colha, êsse pouco, porque pouco é, em tôda a situação será acessível e entre todos os rigores do acaso achará espaço e luz para frutificar.

A modéstia é uma divindade incorruptível na distribuição da sua graça, é um filtro de saúde e de prosperidade inexaurível, quer na vida dos indivíduos de todo o estado e graduação, quer na vida das sociedades e das instituições que as organizam. Há poderes recônditos de fortaleza na modéstia que a tornam num escudo invulnerável aos golpes das contingências e vicissitudes mais severas.

Direi mais: as fundações de caridade que mais consolações e confortos são capazes de derramar, serão as associações pequenas, limitadas em seus meios e na sua acção, fora daquela concentração e congestionamento que não raro mudam em uma máquina inconsciente o que na pequenez é simultâneamente autor e significado de emoções e affectos.

Ainda não há muito que êste mesmo conceito dos meios mais fecundos do exercício da caridade se poderia entrever nas palavras de um homem notável da igreja anglicana, o Sr. Inge, deão da catedral de S. Paulo, em Londres, filósofo eminente e crítico sagaz, tão seguro e claro no pensamento como brilhante e ágil na arte com que usa exprimi-lo. Nessas bem avisadas considerações, dizia o Sr. Inge que «se o clero compreendesse que todo o seu trabalho mais útil é feito com indivíduos e que a sua tarefa principal é conhecer o carácter, ou a psicologia se antes assim quisessem, não tardaria a absorver-se no que o Papa chama o estudo conveniente do género humano.» E ao seu enunciado acrescentava, nêste elucidativo símile que tão vivamente reflecte as vantagens da moderação e da pequenez na administração da caridade, que «se queremos encher de água uma série de vasos de gargalo estreito, não é lançando por cima dêles todos um balde de água que o conseguimos, é um a um, separadamente, que o alcançaremos.»

Poderá discutir-se em política e na economia se a descentralização é um princípio de prosperidade ou o fautor de ruínas. Em moral é que não há que hesitar; os vínculos de consistência e coesão moral que são condição da felicidade e dignidade do homem, tão depressa e sòlidamente germinam no âmbito estreito da família como de todo são incompatíveis com a multidão, onde ela se forme, seja para o que fôr. Nas obras de caridade, o que as torna íntimas, de peito a peito, directamente humanas, um facto de amizade pessoal e comunicação moral, com tôdas as suas alegrias e sua fortaleza, será a sua própria pequenez; e nunca a simples administração de conveniências e utilidades corporais

que ela faculte, tanto mais repassadas de frialdade e aridez espiritual quanto mais volumoso fôr o organismo que nos manda as suas dádivas.

Mas, se para nos convenceremos do poder fecundante da modéstia, a razão e a observação da vida comum não bastam, se à cogitação é necessário juntar a história e apoiar-nos no conselho do exemplo, exemplos não carecemos de os procurar nas civilizações opulentas de além-Pirineus ou além-mar, embora saibamos que lá os teríamos excelentes, aos feixes. No estreito aro da nossa terra prospera uma instituição piedosa, e só da piedade nascida, que bastará para nos mostrar, clarissimamente, como uma árvore alta e boa sombra podem conter-se em pequenina semente e como a modéstia pode ser a veia-mãe de mananciais que nos saciem uma grande sêde.

E' do meu tempo a fundação do asilo que no seu baptismo primitivo se chamou « Asilo de José Estêvão » e hoje se chama, salvo erro, « Asilo-Escola distrital de Aveiro ».

Essa instituição lançou-se ao mar das suas incertezas com um lastro insignificante; quanto ao partir levava para mantimento da jornada era o rendimento de umas acanhadas centenas de mil reis provenientes de títulos da dívida pública e umas pobres quotas dos poucos irmãos dessa indigente confraria. E, entretanto, para a desalentar, choviam os prognósticos de infortúnio. Não houve agoiro ruim da sua sorte que ela não ouvisse quando nasceu, diziam-lhe que não tinha meios económicos para vingar, desfazia-se na sua utilidade porque os censores consagrados não acreditavam que tais colégios podessem ministrar educação capaz, e logo se apregoava que o asilo havia de viver mal e morrer breve, na penúria de um mendigo e em pecado.

Tive a honra de servir na administração dessa casa quando ela, de facto, se achou entregue exclusivamente ao cuidado do Cónego José Cândido Gomes de Oliveira Vidal, homem intelectual e moralmente superior, que foi pároco da freguesia de Nossa Senhora da Glória desta cidade, e por injustiça do mundo mais não foi na graduação das dignidades eclesiásticas. Então, aí recebi a lição eloquente, que jâmais pude esquecer, de como a inteligência e a tenacidade e a energia obedecendo à modéstia e piedade supriam e excediam em seus frutos a opulência das riquezas terrenas e as suas prodigalidades. Aí vi até que ponto um homem pobre — porque o padre José Cândido era pobre, nem ao seu sacerdócio competiam proventos que o livrassem de continuadas privações nem que os tivesse poderiam enriquecê-lo, porque de pronto a sua bondade e a sua generosidade infatigável se encarregariam de os distribuir em esmolas de todo o

género — ali vi até que ponto um homem pobre, sem abjurar da modéstia e da pobreza, e antes dessas provações fazendo esteios, tirou da sua tutela e do contacto e protecção da sua nobreza um tesouro que deu a saúde e a educação do espírito a muitas crianças confiadas à sua guarda, e do desamparo e suas fatalidades salvas pelo iluminado affecto de um homem bom, aliás desarmado de forças mundanas que facultassem uma vitória cómoda.

Ainda não há muito, por um bem inspirado impulso de gratidão, homens formados na tradição dessa sombra, dêsse nada que foi o Asilo de José Estêvão durante longos anos, quiseram reconhecer o amor que os criara e prestar uma justa homenagem de dedicação e estima ao Sr. Padre Lourenço da Silva Salgueiro, que paternalmente os havia educado e dotado do vigor e merecimentos que lhes permitiram afrontar honrosamente as fadigas e obrigações da sua carreira. E então viu-se, citando os nomes daqueles que em seu aplauso e a sua adesão se encorporaram nessa devoção, então se verificou o que era a qualidade dos homens que do asilo tinham saído, então se tornou evidente a seara vasta de capacidade, inteligência e honestidade e dignidade e aptidões práticas que no correr dos anos havia germinado e crescido e frutificado copiosamente na instituição que nas suas raízes sòmente a obscuridade e a modéstia protegeram e a-final nos deu um abençoado banquete.

Forma-se agora esta «Gota de Leite» em condições que, feitas as correcções devidas que o tempo impõe, não diferem muito daquelas em que o Asilo de José Estêvão nasceu.

Esperemos e confiemos que diferente não será também a sua jornada, e igual claridade virá a iluminá-la e igual êxito há-de coroar o seu têrmo.

Aprestemo-nos para a amparar e servir, como nos cumpre.



bibRIA

CB-158307

2001/02/21

AV-779

bibRIA

COMPOSTO E IMPRESSO NA
"GRÁFICA AVEIRENSE"
A V E I R O

